

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno: 1:000 rs. — Por semestre: 600 — Por trimestre: 300 — Avulso 20 rs.

GALERIA,

THEATRO DES. CARLOS.

A doença d'uma segunda dama demorou a repetição da *Linda de Chamounix*. Temos pena, porque nos dizem, que esta peça vae muito bem ensaiada, e o publico recto como se mostra na platêia de S. Carlos poderia ter occasião de premiar o estudo dos artistas. A sr.^a *Persoli*, que de dia para dia se vae adiantando visivelmente tem na *Linda* uma parte, em que por certo hade brilhar. As sympathias, que o publico vae mostrando pela joven cantora devem despertar-lhe bastante amor pelo estudo para occupar um lugar, que a sua bella e linda figura lhe preparam na scena lyrica. Brevemente daremos algumas noticias biograficas desta engraçada artista.

Consta-nos por cartas vindas de Hespanha que o emprezario de S. Carlos, o sr. Corradini, fizera partir no dia 6 do corrente de Sevilha para Lisboa algumas dançarinas hespanholas, um dançarino, e um compositor de bailados, para apresentar no theatro lyrico.

Tambem nos dizem que o professor de rebeca, celebre na sua arte, *F. Bianchi*, contratára vir a Lisboa dar alguns concertos. A filha d'este artista que tem cantado como primeira dama em varios theatros; vem igualmente para se estrear na opera *A Filha do Regimento*. Muito folgamos em fazer conhecimento com estes novos artistas; sempre louvaremos as empezas, que procurarem variar o mais possivel o pessoal da companhia e os divertimentos.

Estáva em Sevilha uma companhia intitulada — *des tableaux vivants* — que se diz contractára vir a Lisboa por algum tempo. Affirmam-nos que este genero de espectáculo, é não só muito digno de ser visto, mas tambem muito decente. Esperamos o tempo para chegarmos ao desengano.

THEATRO DE D. MARIA II.

A Afilhada do Barão.

Houve n'outro tempo em Villa do Conde um honrado tendeiro casado com a sr.^a Josepha Palhoto. Este distincto dispensador de manteiga e asucar, caçado d'uma vida tão obscura, metteuse na politica, e aproveitando uma boa capitalisação, ou o quer que foi de semelhante, achou-se rico, e logo depois barão!

A primeira necessidade d'um barão novo era esquecer o peão velho. Assim fez o barão-Palhoto. A sua velha Josepha, a sua tenda, e a villa onde nasceu, foram esquecidas, e o novo barão veio habitar Lisboa, e para se fingir *nobre em tudo*, tractou logo de arranjar, ás escondidas do matrimonio, uma filha que apresentou aos seus numerosos amigos como sua afilhada. A afilhada do barão conta os seus dezesseis annos, quando começa a acção.

O barão vendo sua filha em estado de casar, e não querendo dar-lhe nem vintem de dote, manda convocar um parente da provincia para esposo de sua afilhada. O parente do barão é um doutor velho sujo e rico, que deve chegar no vapôr do Porto, e a quem o barão quer logo entregar a afilhada; mas nas vesinhanças da casa do barão moram dois elegantes, destes elegantes de Lisboa, que trazem toda a sua fortuna em cima dos hombros, e que espreitam com incrível perseverança o modo de apanhar alguma cousa, que valha dinheiro. É facil de comprehender que os dois visinhos do barão olharam com a mesma ternura para a sua afilhada, cuidando que ella devia levar dote, e cada um de per si resolveu atacar a praça, e ir procurar o barão; mas acontece que tendo ambos o mesmo pensamento, tambem escolheram a mesma occasião para o realisar, e encontraram-se reunidos na salla do barão. Seguem-se as explicações do estylo em casos taes, e por fim combinam-se em empregar cada um os seus meios com lealdade reciproca. Começa a lucta.

O barão chega, e pergunta aos dois mance-

bos o motivo da sua visita. Um delles apresenta-se ao fidalgo como muito influente na freguezia, e vem offerecer o seu prestimo ao barão, para que o seu nome figure na lista municipal do partido moderado. O barão entusiasmado pela politica moderada, acceita o offerecimento, manda assentar o homem influente em eleições, e vai saber o que lhe quer o outro mancebo.

O barão é convocado pelo segundo, para membro da municipalidade por parte da commissão progressista. O fidalgado Palhoto, que é tão progressista como moderado, não exita, e acceita igualmente a candidatura do progresso, e agradece a escolha feita pela commissão patriótica! mas duvidando de tanta fortuna, para evitar algum logro, declara aos dois mancebos, que tenham a bondade de não continuar as suas visitas, por que tem em casa uma afilhada que dentro em poucos dias deve casar com um parente da provincia, e a presença de dois cavalheiros tão seductores póde perturbar este casamento, e causar ciumes ao noivo quando chegar. Retiram-se portanto os elegantes, vendo frustrada a primeira tentativa, mas como não são homens de poucos recursos, tractam logo de inventar novo laço, em que caia o barão, ou a afilhada.

A afilhada do barão não gosta do noivo, que o padrinho lhe quer dar, e a razão é obvia. Como póde uma rapariga gostar d'um doutor que ainda não viu, e mesmo d'um velho achacado e feio, ainda depois de o ter visto? Tem pois o barão a combater a opposição da afilhada, e a defender-se dos ataques dos membros das commissões eleitoraes. Não é preciso tanto para derrubar um barão! O nosso heroe de Villa do Conde não podia resistir.

Os dous pretendentes á mão da afilhada resolvem introduzir-se em casa do barão disfarçados em trajes de doctor de provincia que quer casar, conseguem assim aproximar-se da menina, mas são dous, e como não tem concertado entre si um plano, acontece, que tanto o barão como sua filha ficam por algumas horas julgando, que o doutor endoudeceu pela contradicção de suas palavras, pois o que affirma um dos pertendentes, nega-o o outro, até que afinal tornam a encontrar-se os dous elegantes na mesma salla, em que já tinham estado reunidos, e observam que pela segunda vez tinham adoptado o mesmo plano. A afilhada do barão achando-se entre dous esbeltos mancebos não sabe decidir-se, chama em seu auxilio uma espezitativa creada de servir, e depois de largo debate fica o negocio por decidir; mas um dos pertendentes que havia interceptado uma carta da sr.^a Josepha Palhoto, em que pedia ao nobre barão o mimo d'um saia de *serguilha*, e que fosse viver com ella, vale-se desta circumstancia para obrigar o barão a declarar a afilhada como sua filha, e é por fim o perferido pela menina, que despreza o membro da commissão patriótica, cujo amor tinha esfriado muito desde que o barão julgando fallar ao doutor lhe tinha dito, que a rapariga não levava dote.

Tal é a fabula da elegante comedia do sr. Mendes Leal. E' a representação fiel, e o castigo real

d'um vicio mui conhecido no nosso seculo. E' a critica severa mas agradavel do baloso fidalgo, que chegando a uma posição, que nunca esperava obter, não olha para cima, e só vê os que lhes ficam inferiores. E' finalmente a morte dada pelo ridiculo, morte ignominiosa para todos os homens de sentimento.

A regularidade da intriga, a verdade dos caracteres, e a boa escolha das situações tornam esta comedia d'um bem subido valor, e ainda maior se consideramos a escassez do genero no nosso mercado litterario. O dialogo conserva sempre verdadeira analogia com a accção. Quem não tiver conversado ao menos uma vez com esses barões agiadas, vá ouvir o sr. Theodorico na afilhada do barão, e terá feito um juizo exacto deste nojento typo da nossa idade. Aquella elastica convicção que tanto vae para os vermelhos, como para os brancos, com tanto que tire proveito do negocio, aquella fingida altivez, que se dobra por terra á mais pequena necessidade, como se revella no barão Palhoto, quando tracta mal e desabridamente o homem, que julga lhe vem pedir dinheiro, e dous miutos depois o obsequieia, e enche de caricias quando vê n'elle um instrumento para a sua ambição!

O desenlace da comedia conserva toda a verissimilhança, e não attaca os principios da moral, que o theatro, ainda mesmo na comedia, deve sustentar. O barão vê-se obrigado a reconhecer sua filha, e a data-la, é uma justa reparação dos vicios do fidalgo, é o dinheiro do oppolento que vem desta vez com muita decencia e propriedade saldar uma divida d'honra, que tem contrahido com o seu proprio sangue, com sua filha, a quem elle até ali sómente chamava afilhada.

A execução da comedia corresponde perfeitamente ao seu merecimento. O sr. Theodorico sobresahe a todos os artistas e faz um excellente papel. O srs. Tasso e Assiz fazem tambem muito boa figura, e nas suas transformações accomodam-se as diversas situações da peça com toda a naturalidade. A sr.^a Delfina no pequeno papel, que desempenha, esgota todos os recursos da scena, e agrada muito.

PORTO.

Theatro Lyrico.

Hontem foi á scena o Bravo. Os artistas andaram na fórmula do costume. Já temos dito que esta opera é para cantores de grande força, e não póde ser supportada pela actual companhia lyrica desta cidade. O dueto de tenores no 1.^o acto não se póde ouvir, pois que a muzica é muito sabida e difficil para os artistas a que se acham incumbidas estas duas partes. O publico tem dado mostras de paciencia por ver uma das melhores composições de *Mercadante* tao dilacerada; desde algumas representações que se diverte alguém a atirar estalinhos á platéa e ao proscenio, hontem porem, quando estavam os dous tenores em scena não lhe atiram só estalinhos, lançaram-lhe algumas moedas

de dez reis. Este proceder é vil e muito infame — a pessoa que o pratica tem a consciencia do que val, pois que não se mostra diante do publico. A plateia não póde ser responsavel pelas acções indignas d'um malandrim que se vae divertir no insulto que faz, não só ao artista como á plateia, que reprova um tal proceder.

No meio disto, o sr. Galiani, ressentido e perdido, abandonou a scena e foi para dentro, deixando o sr. Miri a cantar. O publico, paciente como ainda não vimos outro, esperou por largo tempo que o espectáculo continuasse, ou se mandassem embora os expectadores. — O sr. Galiani voltou, quando nós suppunhamos que jámais voltaria á scena por sua honra e dignidade, desde o momento em que abandonando o proscenio tinha insultado o publico que nada tem com os actos vis d'um ou outro individuo: o resultado foi uma pateada que lhe deram, e da qual se seguiu um palavreado insultante da parte de certos individuos, que defendiam o procedimento do artista, contra aquelles que davam a pateada.

(*J. do Povo.*)

VARIÉDADES.

UMA DANÇARINA EM 1770.

(*Continuação.*)

Os transportes do cavalleiro na entrevista com Fanchonette foram excessivos, e depois da mais viva discussão resolveu-se a ficar com o lugar de amante em segundo gráu, para o que seria avisado opportunamente dos momentos mais favoraveis, em que podessem gozar do seu amor, podendo apresentar-se mesmo nas horas a que o outro não estivesse em caza. Quanto ás despesas ficou ajustado que o cavalleiro só pagaria os roes da caza de pasto, do açougue e da modista.

Começaram nesse mesmo dia as relações dos dous amantes. O cavalleiro achava Fanchonette encantadora. Até a mãe da dançarina estava nesse dia muito amavel. Assim duraram por algum tempo estes deliciosos amores.

Fanchonette esperava com impaciencia todos os dias de recita: porque conhecia bem a necessidade de alimentar as illusões que deslumbravam o seu novo amante; e conhecia bem o perigo de ver desaparecer todo o seu prestigio em sabindo do palco.

Fanchonette dançava sempre, e o cavalleiro a amava cada vez mais, e assim passaram muitos tempos. A final a morte arrebatou o primeiro amante da dançarina, o pae, e a mãe, e por isso ficou o cavalleiro senhor absoluto do reino!

Por esta mesma epocha augmentou muito a fortuna do cavalleiro, e foi nomeado embaixador. Fanchonette teve os maiores transportes d'alegria, e começou dali por diante a usar do appellido de seu pai, e assignou-se a menina Prevost. Foi-lhe logo necessario boa cozinha e uma dispensa bem

recheada, uma casa ricamente mobilada, moveis do mais exquisito gosto, e roupa da mais fina. Apenas era myster que a dançarina abrisse a bocca para lhe serem satisfeitos os menores caprichos. O novo embaixador todos os dias offerecia alguns mimos á sua amante, e parecia destinado a deslumbrar pela riqueza e fausto o espirito da dançarina.

Um negocio obrigou o embaixador a sahir fóra da terra, e M. Prevost oppoz todas as suas saudades, e só consentiu na partida com a condição de ser avisada do dia e hora em que havia de tornar a ver o seu amante, e foi justamente a esta clausula a que o embaixador faltou como um negro. E' tão bello causar uma agradavel surpresa á pessoa que se estima, que o nosso embaixador determinou gozar este effeito com a sua Prevost, e para o conseguir entrou para casa á meia noite, e sem se fazer annunciar foi direito ao quarto de sua amante. Surprehendeu-a, é verdade, na cama, mas também é certo, que surprehendeu um actor dramatico, que naturalmente estava encarregado de distrahir as saudades de Prevost. Os tres individuos ficaram como é facil imaginar, n'um estado de completa surpresa! O embaixador não podia acreditar o que os seus proprios olhos lhe revellavam, mas á força de o vêr, convenceu-se da realidade do facto, e tornou-se furioso. A dançarina porém estava mais acalmada, e com um tom modesto e respeitoso dirigiu ao embaixador as seguintes palavras: « Meu nobre senhor, bastam duas palavras minhas para me justificar completamente. Estou summamente penhorada dos obsequios que me haveis feito, o meu reconhecimento é grande; mas quanto mais provas de amizade recebo, tantos mais remorsos me acompanham. Abri os olhos á honra, observei que a vida que levava, me conduzia sem remissão a um fim desgraçado, convenci-me que era culpada perante Dens, e aborrecida pela sociedade; e resolvi mudar de conducta; para este fim resolvi-me a abraçar o estado matrimonial, e este que vêdes na minha cama é meu marido, pois não havia no mundo outro homem que aqui podesseis encontrar. Sacrifiquei á minha honra todos os vossos obsequios, é grande o sacrificio, mas peço-vos por ultimo obsequio, que me não perturbeis na santa resolução que abraçei.»

Que é o que oíço? exclama o embaixador, sois casada! e tomastes semelhante resolução sem me consultar! Que não teria eu feito para vos tirar semelhante cousa da cabeça! E que não faria eu ainda agora para desmanchar este laço fatal! Vinha procurar uma recepção terna, apaixonada, e o que venho encontrar? E' isto o que merecia de vós? Posso por ventura viver longe da minha Prevost?

Os suspiros, e as reprehensões do embaixador duraram por largo espaço, e deram tempo a que o seu rival se podesse vestir muito commodamente e sahir para o meio da rua com toda a liberdade para hir contrahir e consummar outro casamento de igual natureza, mas desta vez o marido feito á pressa, contentou-se em hir para casa rir e commentar a habilidade com que M. Prevost tinha sabido livrar-

se da difficultoza situação, em que se tinha achado.

Ainda aqui não pára. O embaixador á custa de lagrimas, suspiros, e protestações conseguiu da sua amante, que desmanchasse este fatal casamento; mas foi só com a condicção de que o embaixador havia de idemnisar o actor das despesas que havia feito.

Os dias seguintes passaram-se soffrivelmente ainda que de vez em quando havia motivos de desgosto; mas era sempre o embaixador, que tinha a culpa, e por isso só elle era o reprehendido. M. Prevost dizia-lhe em tom solemne: Vós abusaes da minha fraqueza; eu quizera nunca me separar de vós, mas passo a vida a formar este designio, e a arrepender-me delle. Sou perseguida pelos mais funestes sonhos; e accredito nelles. Minha mae que era espanhola, e tinha muito juizo, ensinou-me, que os sonhos nos eram enviados pelo Céu para nos servir de aviso, e nos revellar o futuro, e por isso tomou muito sentido no que elles me dizem. Esta noite, por exemplo, vi minha mae com os olhos inflamados, lançar-me ao rosto todos os carinhos, com que me havia creado: filha indigna, me disse ella, são estas as lições, que vos dei? Consentis em ser amante d'um homem, que não pôde ser vosso marido; e demais a mais um homem que anda no mundo d'um lado para o outro, e com quem tu minha filha nunca poderás contar? Se elle vos deixar, o que ha de ser de vós? Tendes por ventura alguma fortuna, para com ella poder viver, no caso em que vos quizestes collocar, ae não amar outro algum homem senão esse?

E' muito! exclamou o embaixador, as vossas inquietações rasgam-me o coração. Minha boa amiga, não vos assusteis pelo futuro; confiae mais no meu amor, que cresce de dia para dia. Se tivesse thesouros de rei, offercer-vos-los-hia, tudo o que eu possuo é mais vosso do que meu, e começo por vos estabelecer uma renda annual de seis mil libras que vos pagarei exactamente em todos os mezes. Isto é só para pôr as cousas em alguma ordem, e não quer dizer que vos heide dar sómente esta quantia; pelo contrario espero continuar a poder-vos ser util minha querida amiga, mas é necessario banir esses receios infundados, e não acreditar mais nos sonhos. Promettei a mais religiosa fidelidade, que vol-o peço de joelhos, e com as lagrimas nos olhos, morrerei de pena, se me recusaes este juramento. A pobre Prevost não pode resistir a tantos argumentos, prometteu e jurou tudo, o que o seu amante lhe exigia. Nunca mais se fallou de sonhos.

(Continuar-se-ha)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

A Lira d' Apollo.

Publicou-se o n.º 3 deste jornal de musica, contém os bailados da grande opera — *O Propheta* — do mestre Mayerber, vende-se e assigna-se para este jornal no armazem de muzica de J. C. Lenci, rua das Portas de Santa Catharina n.º 13, por assignatura 200 rs. (pagos á entrega) avulso 280. No mesmo armazem se acha grande sortimento de musica, ultimamente chegada para canto, e para piano.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 13, opera — *Norma*. — Dança — «Um novo bailado de beduinos» — composto pelo sr. Guidi. — O passo a dois pela sr.ª King e sr.ª Vienna, composição deste ultimo.

Continuando o incommodo do sr. Martin, e não podendo o papel ser substituido de prompto, por isso vai o espectaculo hoje annunciado.

Segunda feira 14, a beneficio da 1.ª bailarina a sr.ª Guidi, opera — *Os Dois Foscari*. — Dança «bailado de Beduinos» — Passo a dois da sr.ª King e sr.ª Vienna. — Novo passo em caracter a «Zingarela» pela beneficiada sr.ª Moreno. — «A Sterienne» — pela sr.ª King e sr.ª Guidi, e o sr. Rocco cantará a scena e aria do Maestro Fioravanti — «As recordações de um Velho Marechal.»

THEATRO DE D. MARIA II.

Domingo 13 — *O Alcaide de Faro*. — *O Mineiro de Cascaes* — comedia original de espectaculo, em 1 acto, ornada de cantigas populares, e de um bailete em caracter tudo fundado em costumes e motivos portuguezes.

T rça feira 15 — *O Mineiro de Cascaes*. — *A Mendiga*.

THEATRO DE D. FERNANDO

Domingo 13 de Janeiro, beneficio do actor Vianna, a 1.ª representação do drama em 4 actos — *Simão o Ladrão* — a sr.ª Emilia das Neves e Sousa, desempenhará o papel de Magdalena, em obsequio ao beneficiado o sr. M.J. executará em um dos intervalos — umas variações no clarinete — composição de J. B. Gambard. — A comedia em 1 acto — *A Priminha*.

Adverte-se que os bilhetes distribuidos com a data de 11 do corrente tem entrada nesta noite.

THEATRO DO GYMNASIO.

Domingo 13 de Janeiro, em beneficio 1.ª a representação da farça em 1 acto — *Os Dois Garcias* — *O Ensaio da Norma*. — *Como se transforma um Caloiro*. — *O Seguro de Vidas*.

Erratas ao numero 23 da Galeria.

Pag. 2.ª, col. 1.ª lin. 61 — onde se vê gnifico — lêa-se: magnifico.

Pag. 4.ª, col. 1.ª, lin. 12 — onde se vê — sahido: lêa-se: sabido.